



Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

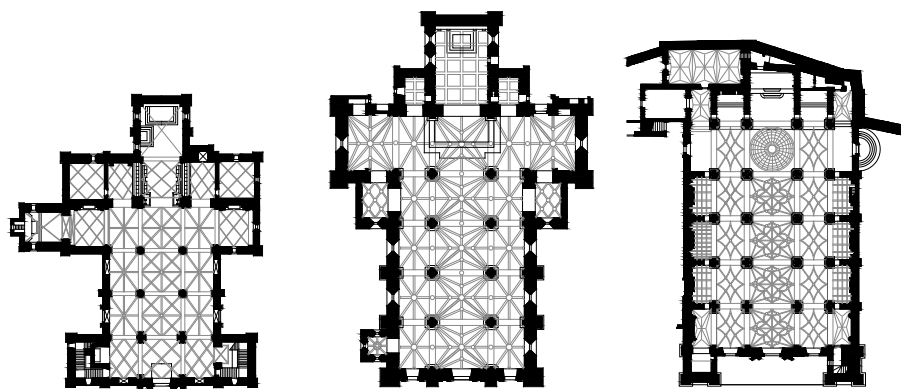
As Sés Joaninas

Arquitectura episcopal portuguesa na segunda metade do século XVI

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Co-orientadores: Professor Doutor Paulo Varela Gomes
Arquitecto Rui Lobo

Cátia Margarida Jorge dos Santos
501030109

Coimbra, 15 de Dezembro de 2009



As Sés Joaninas

Arquitectura episcopal portuguesa na segunda metade do século XVI

Agradecimentos

Aos meus pais, por me permitirem chegar até aqui. Aos meus irmãos.

Aos meus amigos. Ao meu grupo de trabalho da disciplina de História da Arquitectura Portuguesa.

Agradecimento especial a algumas pessoas... ao Luciano, pela sua amizade desde o primeiro dia no darq... à Lídia, pela amizade, ajuda e partilha da viagem a Miranda do Douro. Às pessoas lá de casa...

Ao Arquitecto Rui Lobo, pelos ensinamentos, motivação e incansável disponibilidade ao longo da orientação.

Ao Professor Doutor Paulo Varela Gomes, pelo interesse que demonstrou pelo trabalho, grande disponibilidade e ensinamentos.

Ao Nina e à Nel, pela paciência. A todas as pessoas do darq com quem partilhei estes últimos anos... colegas, professores, funcionários...

À Direcção de Serviços de Bens Culturais - DRCN, pela cedência dos levantamentos referentes à catedral de Miranda do Douro.

Uma palavra de agradecimento ainda às (muitas) pessoas de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre que se disponibilizaram para ajudar ao longo destes meses... mesmo quando um balão de hélio teimou em fugir e alojar-se caprichosamente no disco de uma abóbada houve sempre uma mão amiga...

SUMÁRIO

Introdução	1
Motivações e objectivos	
Estado da arte	
Metodologia	
Possíveis conclusões	
O reinado de D. João III e a criação das novas dioceses	17
Capítulo 1 Sé de Miranda do Douro	
1.1 - História	25
1.2 - Arquitectura	37
- Implantação urbana	
- Planta e espaço interior	
- Espaço exterior	
- Paço episcopal	
Capítulo 2 Sé de Leiria	
2.1 - História	57
2.2 - Arquitectura	65
- Implantação urbana	
- Planta e espaço interior	
- Espaço exterior	
- Torre sineira	
- Claustro e Paço episcopal	
- Projecto primitivo	
Capítulo 3 Sé de Portalegre	
3.1 - História	95
3.2 - Arquitectura	105
- Implantação urbana	
- Planta e espaço interior	
- Espaço exterior	
- Claustro e Paço episcopal	
Capítulo 4 Análise Comparativa das Sés Joaninas	
4.1 - Breve análise comparativa	119
4.2 - Estudo métrico	127
4.3 - Hipóteses para o projecto primitivo da Sé de Miranda do Douro	135
4.4 - Tratadística	145
4.5 - Autoria	151
Considerações finais	159
Bibliografia e Proveniência de imagens	169
Anexos	
Cronologia das construções	191
Levantamentos das Sés Joaninas	197

Motivações e objectivos

“Dada a virtual ausência entre nós de estudos sobre a relação entre arquitectura e liturgia, não existe coligida praticamente nenhuma informação moderna sobre a organização e divisão do espaço das nossas Sés em épocas recuadas da história.”¹

Designa-se por *Catedral*, *Sé Catedral* ou simplesmente *Sé*, o templo principal de uma diocese onde o bispo tem a sua cátedra ou sede². A arquitectura destes edifícios é o ponto de partida. A motivação para o tema surge do trabalho de grupo realizado sobre a Sé de Leiria, na disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, em 2007/2008, e da constatação de que o assunto das catedrais portuguesas, e especificamente das Sés da segunda metade do século XVI, se apresenta pouco documentado no campo da arquitectura.

A investigação retrata a arquitectura episcopal portuguesa numa época de mudança do pensamento religioso. O caso de estudo escolhido remete pois para as catedrais do reinado de D. João III construídas de raiz após a fundação das novas dioceses, sendo limitado espacialmente ao território continental, o que equivale a dizer que são três as obras a analisar: a Sé de Miranda do Douro, a Sé de Leiria e a Sé de Portalegre. Estas, apesar de lançadas no governo joanino, ocupam na sua construção um período maior, sendo que temporalmente o trabalho é balizado na segunda metade do século XVI, entre 1545, data primeira da criação das novas dioceses, e o final do século XVI, data estimada da conclusão do essencial das catedrais. Serão, no entanto, utilizadas outras referências temporais sempre que se justifiquem para ilustrar e enquadrar a análise.

Definido o caso de estudo, a presente dissertação tem como principal objectivo a análise comparativa da arquitectura das catedrais joaninas e traduz a vontade de apresentar um levantamento altimétrico dos três edifícios, inexistente até à data, e que muito tem condicionado os seus estudos³. Esta intenção foi mesmo das primeiras motivações para o trabalho, permitindo os desenhos documentar graficamente e servir de base à análise.

O projecto e construção das Sés Joaninas remetem para uma época de indefinição arquitectónica nacional e revisão do pensamento religioso internacional. Se por um lado, com

1 GOMES, Paulo Varela – “*In choro clerum. O coro nas Sés portuguesas dos séculos XV e XVI*”. Separata da Revista Museu, Porto, 2001.

2 Definição em SILVA, Jorge Henriques Pais da – *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa, 2005, p. 85.

3 A este propósito, na monografia sobre a catedral de Leiria, de 2005, Virgolino Ferreira Jorge afirma mesmo que “por carência de elementos técnicos de trabalho, aliás inexistentes (alçados, cortes, pormenores, etc.), efectuaram-se medições sobretudo no plano horizontal”, que de algum modo limitaram o estudo arquitectónico. JORGE, Virgolino Ferreira, *Catedral de Leiria: história e arte*. Leiria, 2005, p. 132. Estas limitações estendem-se ao caso de Portalegre com contornos semelhantes.

o fim do reinado de D. Manuel (1495-1521) se procuravam novos caminhos para a arquitectura nacional, em clima de grande abertura cultural, por outro lado os projectos catedralícios estão próximos temporalmente das definições saídas do concílio tridentino (1545-1563), convocado para reestruturar a Igreja Católica e que teve grande recepção e apoio dos nossos monarcas. Assim, a problemática traduz-se na seguinte questão: De que modo os arquitectos portugueses resolveram, em plena época de concílio de Trento, os projectos das catedrais Joaninas?

Relacionadas com a problemática central, surgem várias questões de relativo interesse. O conjunto joanino é geralmente caracterizado pelo *ar de família*, muito devido à tipologia adoptada e “adaptada” pelas três construções – a das Hallenkirchen. Mas será assim tão linear esta ideia convencional? Terá havido um só princípio para os três projectos e serão eles risco da mesma mão? A verdade é que existem evidentes diferenças, derivadas das condições locais ou de influências externas, que individualizam a arquitectura de cada caso e que tentarão ser esclarecidas no decorrer do presente trabalho, a par da direcção para a qual caminhou a arquitectura episcopal portuguesa.

Estado da Arte

Com o sentido de perceber a arquitectura praticada e as suas relações, foi necessário abarcar uma série de conceitos relativos ao caso de estudo. Desta forma, procede-se a uma breve contextualização da época em que se encontram inseridas as catedrais, com incidência sobre o panorama cultural, arquitectónico e religioso. Após isso, mostram-se as principais características tipológicas comuns e apresentam-se as três sés especificamente.

Tratando-se de construções religiosas, para a definição do estado da arte torna-se indispensável a consulta da obra genérica *A História da Igreja em Portugal*, (4 volumes, 1968) de Fortunato de Almeida, que apresenta coligida a informação referente à criação das dioceses (bulas de Paulo III incluídas), à arte implementada, à sucessão dos bispados e papel dos monarcas, ao Concílio de Trento e à Inquisição⁴.

No que respeita à arquitectura, o livro de George Kubler, *A Arquitectura Portuguesa Chã, entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706*, de edição portuguesa em 1988, continua a ser uma referência neste quadro, que deve contudo ser complementada pelas visões mais recentes de Horta Correia e Rafael Moreira, possíveis de consultar em obras gerais de história da arquitectura portuguesa⁵.

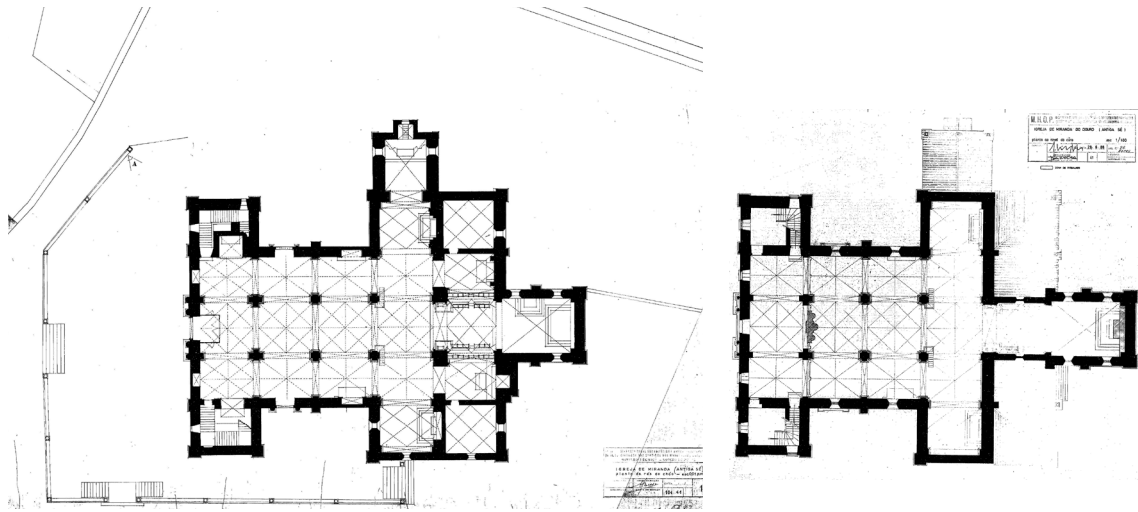
Das obras que constituem o caso de estudo, o material existente, escrito e gráfico, é pouco e encontra-se disperso. Sobre as Sés Joaninas estão disponíveis os documentos do antigo IPPAR e da página dos Monumentos na Internet que apresentam um estudo síntese. Os exames mais aprofundados focam geralmente uma só igreja, desvalorizando por vezes possíveis relações. Consta-se pois que não existe uma monografia que tome o conjunto das três catedrais como objecto de estudo.

A verdade é que a arquitectura das catedrais nacionais não se reflecte em abundância de publicações. Destaca-se a abrangência do trabalho sobre a Sé do Funchal, de Marta Oliveira⁶, como exemplo de esforço no sentido de uma sistematização, comparação e interpretação da arquitectura episcopal, apresentando um quadro comparativo das várias plantas catedralícias até o período manuelino.

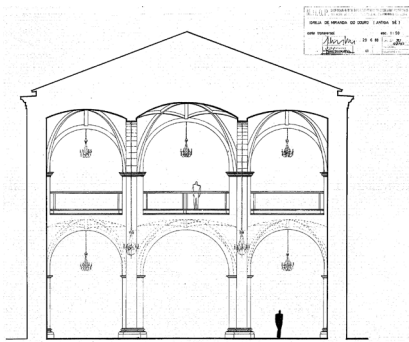
4 ALMEIDA, Fortunato de – *História da igreja em Portugal*. Porto, 1968, 4 vols. Ver também AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Mem Martins, 2001. 3 Vols.

5 CORREIA, José Eduardo Horta, *Arquitectura Portuguesa – Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*, Lisboa, 1991, p. 46; ver também do mesmo autor “A arquitectura - maneirismo e «estilo chão»”. In SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal*. Lisboa, 1986, Vol. VII; e MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: Renascimento e Classicismo, a Resistência Nacional e o Problema do Estilo Chão”. In PEREIRA, Paulo, ed. – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa, 1995, Vol II.

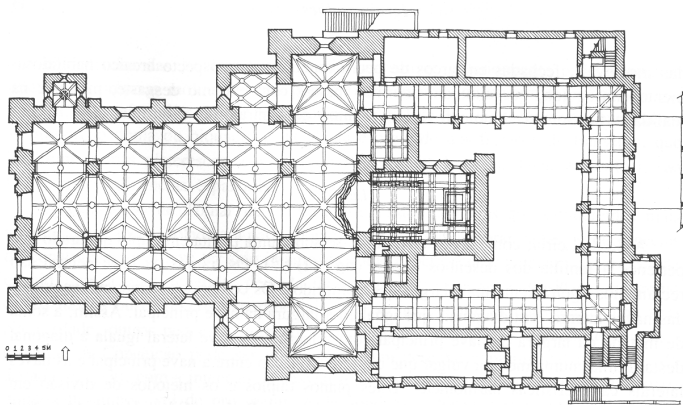
6 OLIVEIRA, Marta, “A Ordem de uma geral maneira de edificar”. *Monumentos*, nº19 (2003).



1. Planta da Sé de Miranda (IHRU).
a) Planta ao nível térreo.
b) Planta ao nível do coro alto.



2. Corte transversal da Catedral de Miranda do Douro (IHRU).



3. Planta da Catedral de Leiria.
Desenho de Camilo Korrodi, 1942.

Relativamente à Sé de Miranda do Douro⁷, destacam-se os trabalhos de António Rodrigues Mourinho⁸ e, mais recentemente, Luís Alexandre Rodrigues⁹. Estes autores estabelecem uma sucessão cronológica dos factos bastante credível, baseada na correspondência entre D. Turíbio Lopes¹⁰, primeiro bispo de Miranda do Douro, e D. João III. Numa dessas cartas, o bispo mirandês deixou um sinal sobre o tipo de projecto necessário às novas catedrais, através do que pretendia para Miranda: “bastara fazer hua see tã grande e tam lustrosa como a see de Évora, (...) fazendose pelo estilo comum de outras sees e cidades antiguas”, sugerindo um templo de três naves de acordo com a tradição catedralícia portuguesa. Mais que isso, o cuidadoso D. Turíbio pede ao monarca que veja a velha igreja românica de Salamanca, a título de exemplo.

A catedral de Miranda do Douro é, das novas Sés, aquela que apresenta mais documentação gráfica disponível. Na antiga DGEMN¹¹, para além de plantas a várias cotas (planta ao nível da entrada e planta ao nível do coro alto – 1988, e plantas das intervenções realizadas - 1990), existe um corte transversal do corpo da igreja datado de 1988. No entanto, apesar de pouco conhecido, existe disponível para consulta no Serviço de Bens Culturais da Direcção Regional de Cultura do Norte um levantamento recente e completo da Sé de Miranda do Douro, realizado em 2004, composto por 24 peças a várias escalas. Esta catedral é a única entre os templos joaninos com registo altimétrico da sua arquitectura.

Sobre a arquitectura da Sé de Leiria existe publicada uma monografia recente, bastante completa, sob o título de *Catedral de Leiria: história e arte*, coordenada pelo Arquitecto Virgolino Ferreira Jorge, e com contributos de vários autores que têm dedicado as suas pesquisas à diocese de Leiria¹². O autor valoriza a “zona interna do templo, bem conservada e de maior fascinação e elegância do que o exterior”. Estes textos, no que à arquitectura da catedral dizem respeito, baseiam-se nas preciosas informações cronológicas de *O Couseiro* ou *Memórias do*

7 MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910, ZEP, DG 185 de 09 Agosto 1957, IPA N° PT010406080002.

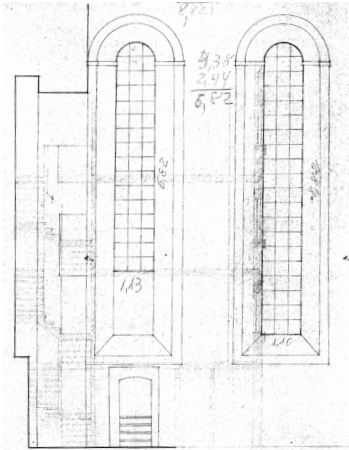
8 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], 2 vols.

9 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, 2 vols.

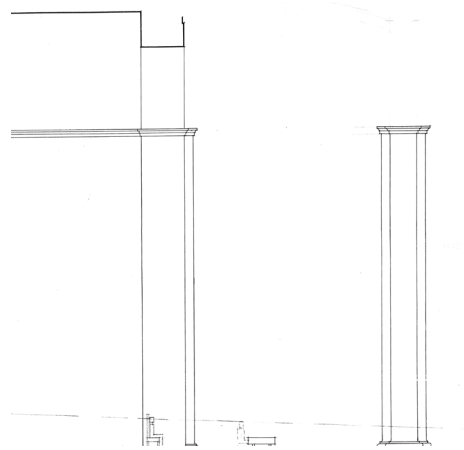
10 Cartas de D. Turíbio em VITERBO, Sousa - *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol.3, pp.134-137.

11 A DGEMN teve grande papel na inventariação e documentação do património nacional. No entanto, esse empenho residiu de forma mais acentuada em edifícios de outros períodos, focando maiores esforços de levantamento em obras do românico e do manuelino (orgulho nacional). Os edifícios religiosos do período da segunda metade do século XVI encontram-se menos esclarecidos pelas campanhas de inventariação, como tal são menos os registos produzidos.

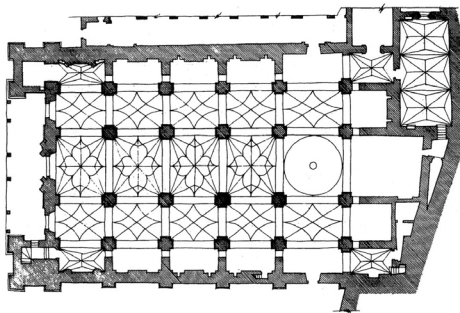
12 O facto deste livro ser a síntese mais recente e bem conseguida não dispensa a consulta de outros autores tais como Zúquete, Gustavo Sequeira e Kubler.



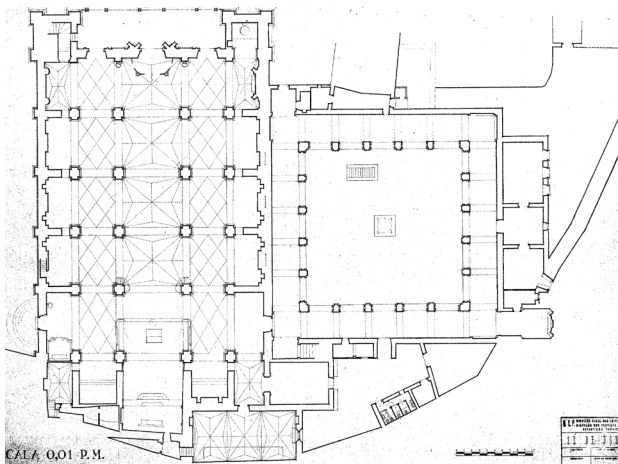
4. Desenhos da capela-mor da Sé de Leiria.
Desenho de Camilo Korrodi (Arquivo Distrital de Leiria).



5. Corte longitudinal pelo arco da capela-mor da Sé de Leiria.
Desenho de Camilo Korrodi (Arquivo Distrital de Leiria).



6. Planta da Sé de Portalegre.
Desenho de Mário Chicó.



7. Planta da Sé e Claustro de Portalegre (IHRU).

Nota: as plantas referentes a esta página e à página anterior de imagens encontram-se à mesma escala.
O corte da Sé de Miranda do Douro tem uma representação duas vezes maior que os desenhos horizontais.

Bispado de Leiria, escrito por volta de 1657, por autor desconhecido, e editado pela primeira vez em 1868¹³.

No exterior, a construção é “de uma vulgaridade monótona e sem interesse: um vasto casarão de silhueta maciça e pesada, sem um episódio de relevo e em que possam prender-se os olhos”, considera José Saraiva em 1929. Talvez devido a esta discreta imagem seja, dos três templos joaninos, o único que permanece até hoje sem a classificação de monumento nacional¹⁴.

O único desenho publicado do edifício é uma planta de Camilo Korrodi - arquitecto que interveio na capela mor da sé no princípio do século passado - efectuada em 1942 e publicada primeiramente por Kubler¹⁵. Na monografia de 2005, Virgolino Jorge corrige e actualiza esse desenho, representando os anexos novos e a janela lateral omitida no desenho anterior. No arquivo distrital de Leiria podem ainda ser consultados os desenhos do projecto de Korrodi para a Sé leiriense, dos quais se destaca o corte longitudinal pela capela-mor.

Na sequência do trabalho de grupo realizado para a disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, em 2008, produziram-se levantamentos altimétricos relativamente rigorosos, que embora não publicados podem ser consultados junto dos docentes e utilizados para análise.

Os principais estudiosos da Sé de Portalegre¹⁶ são Luís Keil, autor do Inventário artístico do Distrito de Portalegre, e José Dias Heitor Patrão, que escreveu duas monografias sobre a cidade, o bispado e a catedral. O último autor agrupa no seu trabalho as visões das várias áreas, recorrendo a documentos antigos do arquivo diocesano para fundamentar a sua investigação sobre a Sé.

Mário Chicó¹⁷ é responsável pela primeira planta publicada do edifício, que surge igualmente no estudo de Kubler. Também nos arquivos da antiga DGEMN, actual IHRU, existem registos horizontais da igreja e do claustro, bem como uma planta à escala urbana¹⁸.

13 Em 1898, este livro é actualizado e reeditado contendo novas abordagens da arquitectura diocesana: *O COUSEIRO ou Memórias do bispado de Leiria*. 2.ª ed, Braga, 1868.

14 A Sé de Leiria (IPA PT021009120031) apresenta-se, no entanto, incluída na Zona especial de Protecção do Castelo de Leiria.

15 KUBLER, George - *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Lisboa, 1988, p. 36. No arquivo distrital de Leiria podem ser consultados os desenhos do projecto de Korrodi para a Sé, dos quais se destaca um corte longitudinal pela capela mor. No entanto, o rigor altimétrico do traçado não se encontra confirmado.

16 A Sé de Portalegre é Monumento Nacional pelo Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho 1910, N.º IPA PT041214090002.

PATRÃO, José Dias Heitor – *Portalegre, fundação da cidade e do bispado: levantamento e progresso da catedral*. Lisboa, 2002; PATRÃO, José Dias Heitor – *Catedral de Portalegre: guia de visitaçao*. Lisboa, 2000; ver ainda MARTINS, Anacleto Pires da Silva – *O cabido da Sé de Portalegre: achegas para a sua história*. Portalegre, 1997; e SOTTO MAIOR, Diogo Pereira – *Tratado da cidade de Portalegre*. Lisboa, 1984.

17 CHICÓ, Mário Tavares – *A arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, 1983; KUBLER, George – *Op. cit.*, p. 38.

18 Estes documentos estão disponíveis em formato digital, na página dos Monumentos da antiga DGEMN: <http://www.monumentos.pt>.

Metodologia

De acordo com os objectivos propostos, a metodologia apresenta diferentes fases que se cruzam no processo de investigação. A dissertação será elaborada considerando essencialmente a pesquisa bibliográfica e a produção de material gráfico (método documental e de campo), envolvendo técnicas e instrumentos como o levantamento e a análise comparativa. Para compreender as Sés Joaninas e a relação entre arquitectura e liturgia presente nelas de forma contextualizada é necessário o estudo de diferentes áreas, complementares ao perseguirem um objectivo comum. Assim, o trabalho é vocacionado para a arquitectura, manifestando desde o princípio uma grande componente histórica.

A investigação não pretende construir três monografias independentes mas antes uma espécie de monografia conjunta, conduzida para os objectivos, sendo que mais que uma análise, será feita uma análise comparativa que permitirá averiguar os valores essenciais da arquitectura, construindo o seu perfil, mas destacando também as diferenças que individualizam cada edifício.

Uma primeira fase dos trabalhos referiu-se à pesquisa bibliográfica, que implica a interacção entre as disciplinas de história e arquitectura. Neste sentido a recolha bibliográfica incidiu sobre o enquadramento e contextualização do caso de estudo e documentação relativa à análise histórica e arquitectónica de cada Sé, com o intuito de perceber as obras e o carácter do seu espaço.

Numa segunda fase, devido a inexistência de documentos desenhados que mostrassem o espaço vertical das obras em estudo, recorreu-se ao trabalho de campo com vista ao levantamento das características arquitectónicas e tipológicas e à compreensão e apreensão espacial. A produção de desenhos rigorosos das obras torna-se relevante com o intuito de documentar graficamente e servir de base à análise arquitectónica, complementada pela bibliografia específica.

Depois de recolhidos os registos gráficos existentes, publicados ou não, e em função do tempo disponível para a realização da dissertação, o esforço de medição e desenho foi reduzido ao essencial, afastando a hipótese de um levantamento exaustivo. Deste modo, o trabalho focou a produção específica de um corte longitudinal (que mostre a profundidade do espaço), de um corte transversal (que mostre a amplitude das igrejas) e do alçado principal, sendo ainda realizado um levantamento lateral das construções. Também o levantamento fotográfico é valorizado como modo de documentar as características espaciais dos templos e o enquadramento urbano dos mesmos.

Do estudo baseado nos desenhos e na bibliografia específica, organizaram-se fichas síntese para cada obra no sentido de sistematizar toda a informação arquitectónica fundamental, com recurso à cronologia das edificações. A terceira fase do trabalho consistiu então na análise comparativa e interpretação dos aspectos presentes no espaço das catedrais consoante as várias influências a que estariam sujeitas, tais como as derivadas da sua implantação e do seu quadro artístico próximo.

Das várias fases da pesquisa resultou a divisão da dissertação em quatro capítulos, três referentes a cada uma das Sés, e um último onde se compararam directamente alguns aspectos e influências da arquitectura. Em cada capítulo específico, numa primeira parte, faz-se uma apresentação dos dados da história da diocese e dos trabalhos de projecto, documentados no caso de Miranda do Douro e Leiria pela troca de correspondência entre os primeiros bispos e o monarca. Numa segunda parte tratam-se os aspectos da arquitectura - implantação, planta e espacialidade das Sés, espaço exterior e definição dos alçados, e edifícios religiosos associados (claustro e Paço episcopal). No capítulo da catedral de Leiria acrescenta-se ainda o discurso sobre o projecto primitivo, decorrente da interpretação dos factos e variações possíveis.

No último capítulo, faz-se a análise comparativa dos templos joaninos. Esta análise divide-se na sistematização das características arquitectónicas actuais e princípios de concepção das obras, no confronto das proporções - que originou a parte referente ao hipotético projecto primitivo da Sé de Miranda -, no estudo da possível influência da tratadística e da autoria para concluir o real valor da nova arquitectura episcopal, em relação às obras existentes e às que precederam.

Resultados esperados e possíveis conclusões

Dadas as condicionantes para o desenvolvimento desta investigação, pretende-se pelo menos que o resultado das pesquisas abra caminhos de investigação nesta área ou levante novas questões.

Através da realização da análise comparativa espera-se constatar semelhanças importantes para a definição do perfil dos edifícios em causa (centradas na tipologia arquitectónica), e apontar mudanças na relação entre arquitectura e liturgia, tendo em consideração os espaços episcopais anteriores ao Concílio de Trento e às Sés Joaninas. Espera-se constatar a evolução da espacialidade, no sentido de uma leitura mais contínua, e o rigor de desenho das plantas, que apresentam cuidadosas relações proporcionais derivadas possivelmente das catedrais castelhanas.

Pretende-se ainda verificar as possíveis influências da tratadística teórica, especialmente de Serlio, e dos modelos da vaga de construções castelhanas da época.

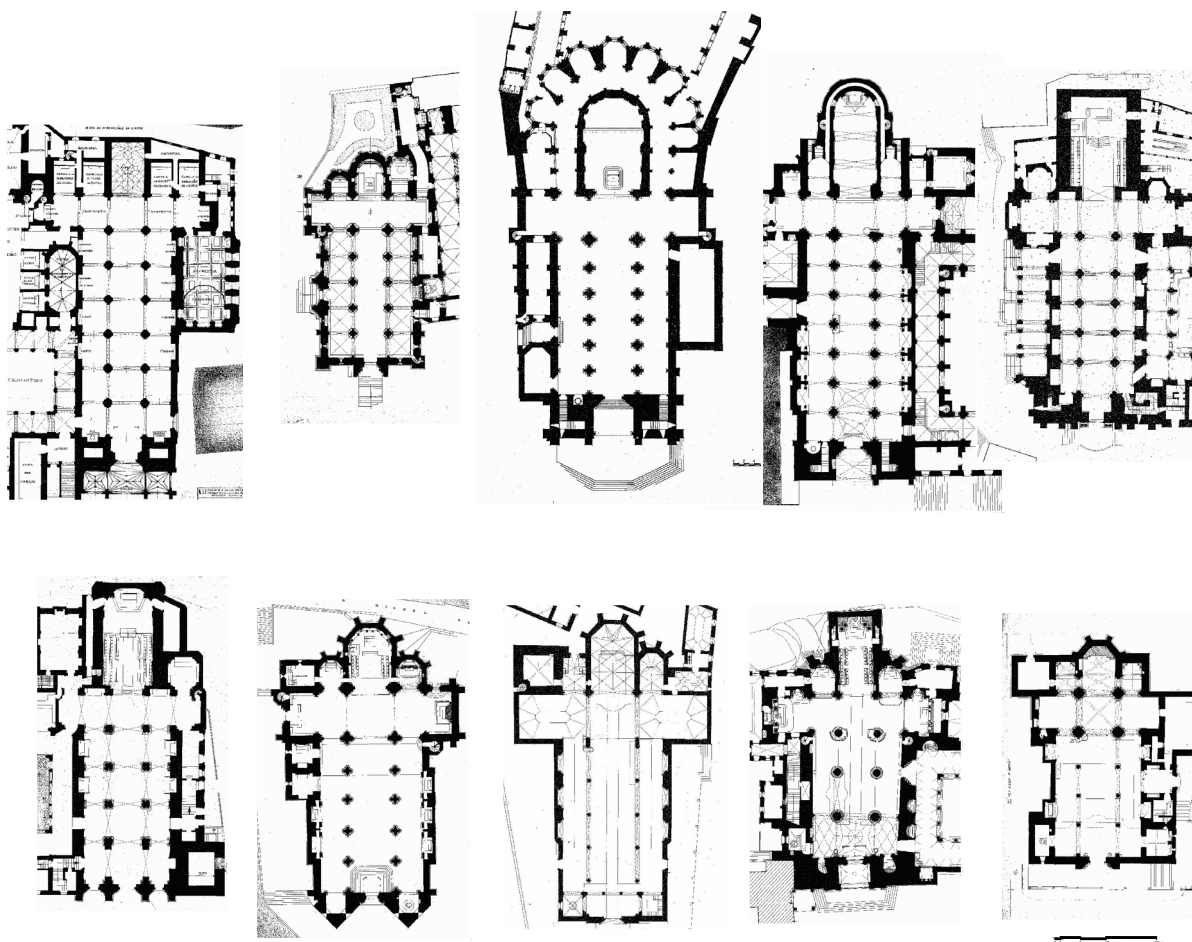
O reinado de D. João III e a criação das novas dioceses



1. Mapa da distribuição das dioceses medievais em Portugal continental.



2. As novas sedes diocesanas do reinado de D. João III.



3. Plantas actuais das catedrais fundadas nos reinados anteriores ao de D. João III:
Sés de Braga, Coimbra, Lisboa, Évora, Porto, Lamego, Guarda, Funchal, Viseu e Silves. (IHRU)

Como edifícios mais importantes da arquitectura religiosa diocesana, igrejas do bispo e da cidade, as catedrais assumiram particular relevo na imagem e organização de muitas cidades europeias, sendo pontos agregadores da ordem urbana e construções representativas por excelência. Também em Portugal, as Sés tornaram-se referências quer pela sua escala e importância, reestruturando/revitalizando a malha das cidades, quer pelas suas características arquitectónicas próprias.

No reinado de D. João III já estavam estabelecidas várias dioceses, que procuravam administrar a fé por todo o país, materializadas em dez catedrais: a primaz de Braga, as de Coimbra, Lisboa e Évora, Porto, Lamego, Viseu, Silves, Guarda e Funchal. O período joanino foi antecedido de uma época de forte intervenção episcopal impulsionada por D. Manuel I, que fomentou a reforma de grande parte das catedrais, destacando-se o caso da de Viseu, transformada para se adaptar ao gótico final com uma cobertura praticamente à mesma altura. No entanto, as dioceses existentes foram consideradas insuficientes para abarcar todo o território eficazmente, sendo que novos povoados ganhavam importância. Deste modo, na viragem para a segunda metade do século XVI, avançava-se com um processo de colonização interna, de missão e conversão, que visava dar continuidade à reforma religiosa iniciada no reinado manuelino.¹⁹

Aproveitando o facto das dioceses de Braga, Coimbra (ambas em 1543), e da Guarda (1548) ficarem vagas por morte dos seus bispos, D. João III dá instruções a Baltazar de Faria, seu embaixador em Roma, para pedir ao Papa Paulo III que as jurisdições fossem divididas antes de serem novamente dotadas, criando-se respectivamente as dioceses de Miranda do Douro, Leiria (ambas em 1545) e Portalegre (1549)²⁰. As recém criadas cidades diocesanas não tinham estruturas para albergar um culto de tão grande escala, sendo que a opção seguida por todas foi a construção de raiz de novas catedrais. Apresentava-se então um dos grandes problemas arquitectónicos e religiosos do século XVI em Portugal: “como fazer uma catedral que não fosse nem gótico-manuelina como as anteriores – já não era tempo disso –, nem puramente renascentista?”²¹

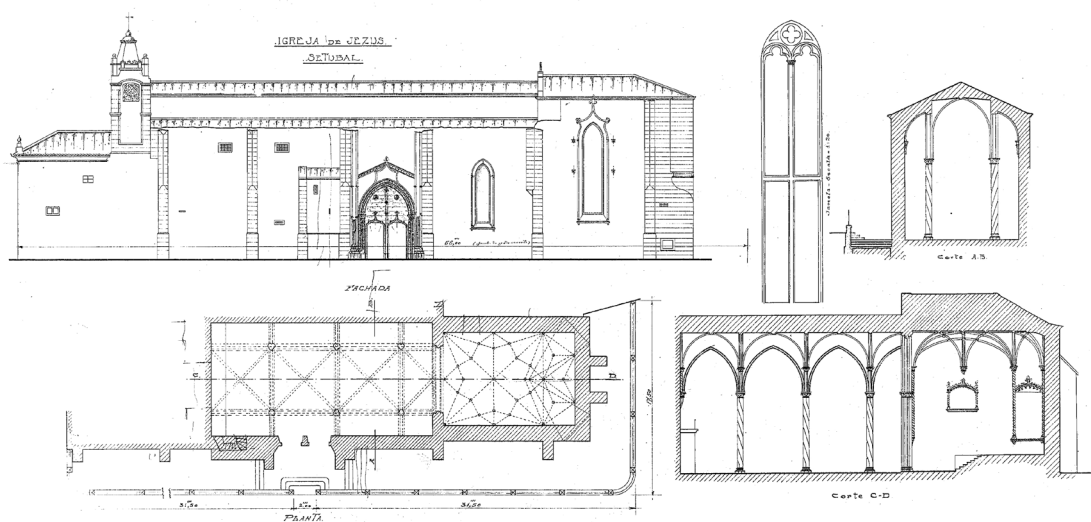
19 No reinado de D. João III, a par das dioceses de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre, foram ainda criadas quatro dioceses no ultramar: Ribeira Grande (1533), Goa (1533), Angra (1534) e São Salvador da Baía (1551).

20 Enquanto o bispado mirandês se manteve sobre a jurisdição de Braga, o de Leiria passou a pertencer ao arcebispado de Lisboa e o de Portalegre a Évora, redistribuindo o poder no mapa das dioceses nacionais.

21 GOMES, Paulo Varela – *In Choro Clerum: o coro nas sés portuguesas dos séculos XV e XVI*. Porto, 2001. Sep. da revista Museu. - IV Série, nº 10, 2001.



4. Cópia do retrato que Francisco de Holanda fez de D. João III. Francisco de Holanda (1517-1585), um dos mais famosos bolseiros do tempo deste monarca, foi o autor de desenhos de "Antiguidades de Itália" e "Da Pintura Antiga" (1548), transportando para o reino importantes registos das suas viagens.



5. Igreja do antigo Mosteiro de Jesus de Setúbal (IHRU), 1491.

A política cultural de D. João III apresenta dois momentos distintos. O primeiro período reflecte uma maior abertura a novas ideias, gerando-se um ambiente marcadamente humanista. A viragem ocorre na década de 1540, com uma maior vigilância e envolvimento da religião na cultura, na sequência do panorama religioso europeu e do concílio de Trento, iniciando-se então um período contra reformista.

Do inicial momento da política cultural terão surgido as poucas experiências arquitectónicas do primeiro renascimento português, que porém teve curta duração devido ao acelerado desenvolvimento do formulário maneirista e contra reformista. Das medidas do monarca com impacto nas artes destacam-se o programa de bolsas de estudo e a estada em Roma de artistas portugueses, a vinda de mestres estrangeiros para o nosso país (exemplo de Diogo de Torralva) e a divulgação de tratados teóricos como o de Sagredo (*Medidas del Romano*, ed. Portuguesa de Lisboa, 1541-1542) e o de Serlio.

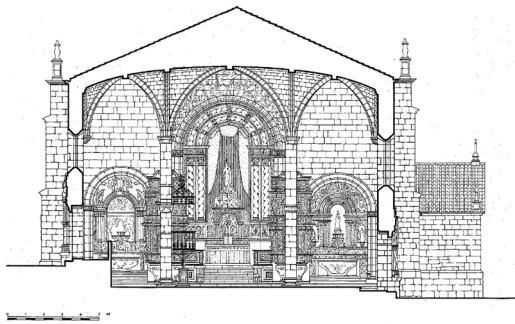
As Sés Joaninas, pela indefinição da época em que se inserem e pelo distanciamento temporal entre projecto e construção das obras, não são produto de uma leitura clara, mas resultam da conjugação de várias influências, sendo o começo de uma arquitectura original associada à arquitectura militar e aos movimentos de reforma. Segundo Horta Correia, “são os novos templos que significativamente vão utilizar uma tipologia de raiz medieval para servirem de catedrais das novas dioceses que a pastoral tridentina (ou mesmo pré-tridentina) entre nós preconizava. Nelas se encontra verdadeiramente a primeira grande vaga de arquitectura chã, anterior em mais de uma década ao estilo desornamentado espanhol”²². Esta arquitectura, de “construção útil e económica”, é caracterizada pela simplicidade, austeridade, clareza e funcionalidade das obras.

Para Rafael Moreira, o «estilo-chão», designação usada pela primeira vez por Kubler²³, em 1973, “em vez de um suposto «maneirismo», [também teve o seu início com as novas sés, mas este autor alerta que a definição a que se aderiu], não no sentido de um estilo, mas precisamente dum não-estilo, espécie de «grau-zero» arquitectónico - , deve ser usada com cautelas, dada a pluralidade das tradições que convivem paralelamente e se sobrepõem consoante cada contexto concreto”²⁴.

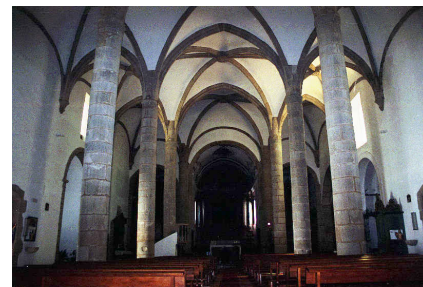
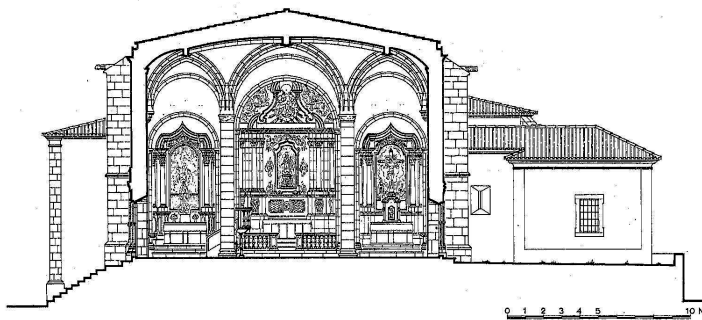
22 CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura portuguesa: renascimento, maneirismo, estilo chão*. Lisboa, 1991, p. 46; do mesmo autor: “A arquitectura – maneirismo e «estilo chão»”. In SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal*. Lisboa, 1986, Vol. VII.

23 KUBLER, George – *A Arquitectura Portuguesa Chã, entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706*. Lisboa, 1988. (ed. original norte-americana, 1972). Na visão de Kubler, “a arquitectura chã portuguesa corresponde à atitude experimental dos arquitectos formados na teoria do renascimento, que se atreveram a desrespeitar os seus princípios a fim de obterem uma construção útil e económica. [...] O racionalismo e a austeridade foram linhas mestras iniciais.” (p.172).

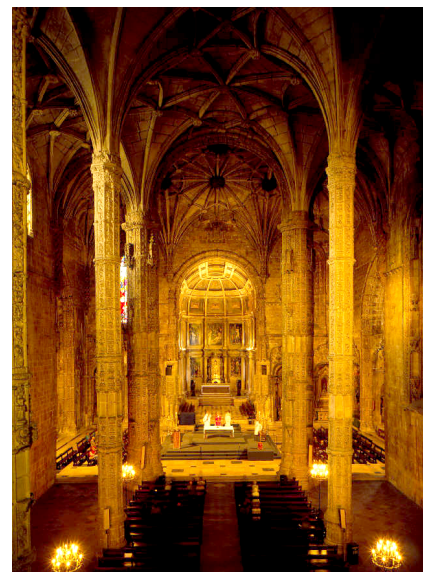
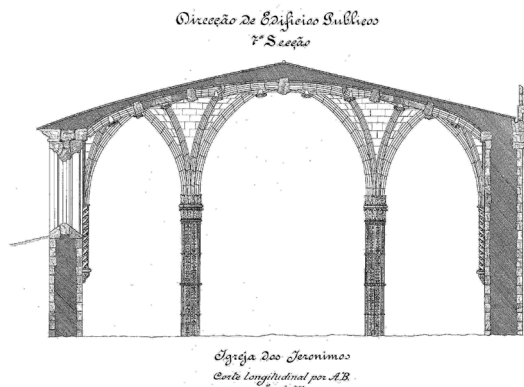
24 MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: Renascimento e Classicismo, a Resistência Nacional e o Problema do Estilo Chão”. In PEREIRA, Paulo, ed. – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa, 1995, Vol II, p. 360.



6. Igreja matriz de Freixo de Espada-à-Cinta (IHRU), 1520-50.
a) Corte transversal pelo corpo da igreja.
b) Espaço interior.



7. Igreja matriz de Arronches (IHRU), 1530.
a) Corte transversal pelo corpo da igreja.
b) Espaço interior.



8. Igreja do Mosteiro dos Jerónimos (IHRU), 1530.
a) Corte transversal.
b) Espaço interior.

As catedrais de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre, para além da primeira vaga chã, representam ainda a tipologia das igrejas-salão, templos com três naves cobertas à mesma altura, gerando uma nova espacialidade pois é a primeira vez que em catedrais nacionais construídas de raiz não se verifica o chamado corte basilical. Para esta nova concepção contribuíram ainda a conjugação de uma cobertura em abobada de ogivas com suportes de inspiração tratadística, situação que diferencia as catedrais em estudo dos templos castelhanos da época.

Os precedentes do espaço salão em Portugal reportam ao reinado de D. Manuel. A igreja de Jesus de Setúbal (1491) é considerada a primeira realização deste tipo de espaço em Portugal, consagrado entretanto nas paroquiais de Freixo de Espada-à-Cinta (1520-50) e Arronches (1530), na primeira metade do século XVI. A igreja dos Jerónimos (1500-1530), de grande monumentalidade e simbolismo, transforma-se no antecedente mais evoluído dos templos portugueses com três naves cobertas à mesma altura, causando um forte impacto que se estendeu à arquitectura régia. Privilegiava-se então a unificação do espaço e a estrutura cada vez mais depurada do ponto de vista planimétrico.